

**CAPTURAS ACIDENTAIS DE PEQUENOS CETÁCEOS NO LITORAL
NORTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

LILIANE LODI
LILIAN CAPISTRANO

Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza. R. Miranda
Valverde, 103 (22281) - Rio de Janeiro, R.J., Brasil.

RESUMO

A captura accidental de 58 espécimens de pequenos cetáceos: *Sotalia fluviatilis* (n = 33), *Pontoporia blainvillei* (n = 20), *Steno bredanensis* (n = 3), *Delphinus delphis* (n = 1) e *Stenella frontalis* (n = 1), no litoral norte do Rio de Janeiro é reportada dando enfoque as características das redes utilizadas, distâncias de costa, profundidades e áreas de captura.

UNITERMOS: captura accidental, pequenos cetáceos

ABSTRACT

Incidental catch of 58 specimens of small cetaceans: *Sotalia fluviatilis* (n = 33), *Pontoporia blainvillei* (n = 20), *Steno bredanensis* (n = 3), *Delphinus delphis* (n = 1) and *Stenella frontalis* (n = 1) on the Northern coast of Rio de Janeiro State is reported with emphasis on the characteristics of nets used, coast distance, depths and capture areas.

KEY WORDS: incidental catch, small cetaceans

Introdução

Através de percursos de praia realizados na costa do estado do Rio de Janeiro ao longo de uma extensão de aproximadamente 636 Km de costa, no período compreendido entre 1985-1987, foi verificado que em alguns pontos deste litoral ocorrem capturas acidentais de pequenos cetáceos como foi constatado na cidade de Atafona, onde a principal atividade econômica está voltada para a pesca artesanal.

Recentemente, as interações entre o homem e mamíferos marinhos no setor de pesca tem recebido crescente atenção sendo motivo de várias reuniões e publicações objetivando a adoção de planos de ação e recomendações referentes a conservação de mamíferos marinhos, especialmente pequenos cetáceos (IUCN, 1981; IUCN, 1988).

Com o propósito de se avaliar as capturas de pequenos cetáceos relacionados com as atividades de pesca, foi desenvolvido um estudo junto a comunidade pesqueira de Atafona representado um primeiro passo na tentativa de implementar medidas de manejo e conservação.

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

Material e Métodos

Foram feitas visitas semanais aos frigoríficos e peixarias de Atafona no período compreendido entre junho de 1987 a maio de 1988, objetivando um levantamento de espécimens de pequenos cetáceos capturados acidentalmente em redes.

O campo de pesca referente as atividades desta colônia (Z-2/RJ), estende-se desde a foz do rio Paraíba do Sul (21°35'S, 41°03'W) até a cidade de Macaé (22°25'S, 41°47'W) sendo supervisionado pela delegacia da capitania dos portos de São João da Barra (Figura 1). Esta área foi dividida em 10 sub-áreas com seção de 5' de latitude, de acordo com as cartas náuticas números 1403 e 1500 da Divisão de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha. A denominação de cada sub-área foi feita de acordo com um ponto de referência em terra usado pelos pescadores para se orientarem.

Para cada exemplar capturado acidentalmente foi utilizada uma ficha padrão para o registro de dados como data e local de captura, características das redes utilizadas (tipo, tamanho, altura e malha), distância da rede em relação a costa, profundidade e dados ambientais através de entrevistas com pescadores. Também, sempre que possível, foram tomadas medidas externas padrão, coletados esqueletos completos (depositados na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) e dados biológicos como conteúdo estomacal, gônadas e parasitas para estudos.

Paralelamente efetuou-se um levantamento das categorias de artes de pesca, registros de captura do pescado (Kg/mês) e número de barcos que operam nesta colônia.

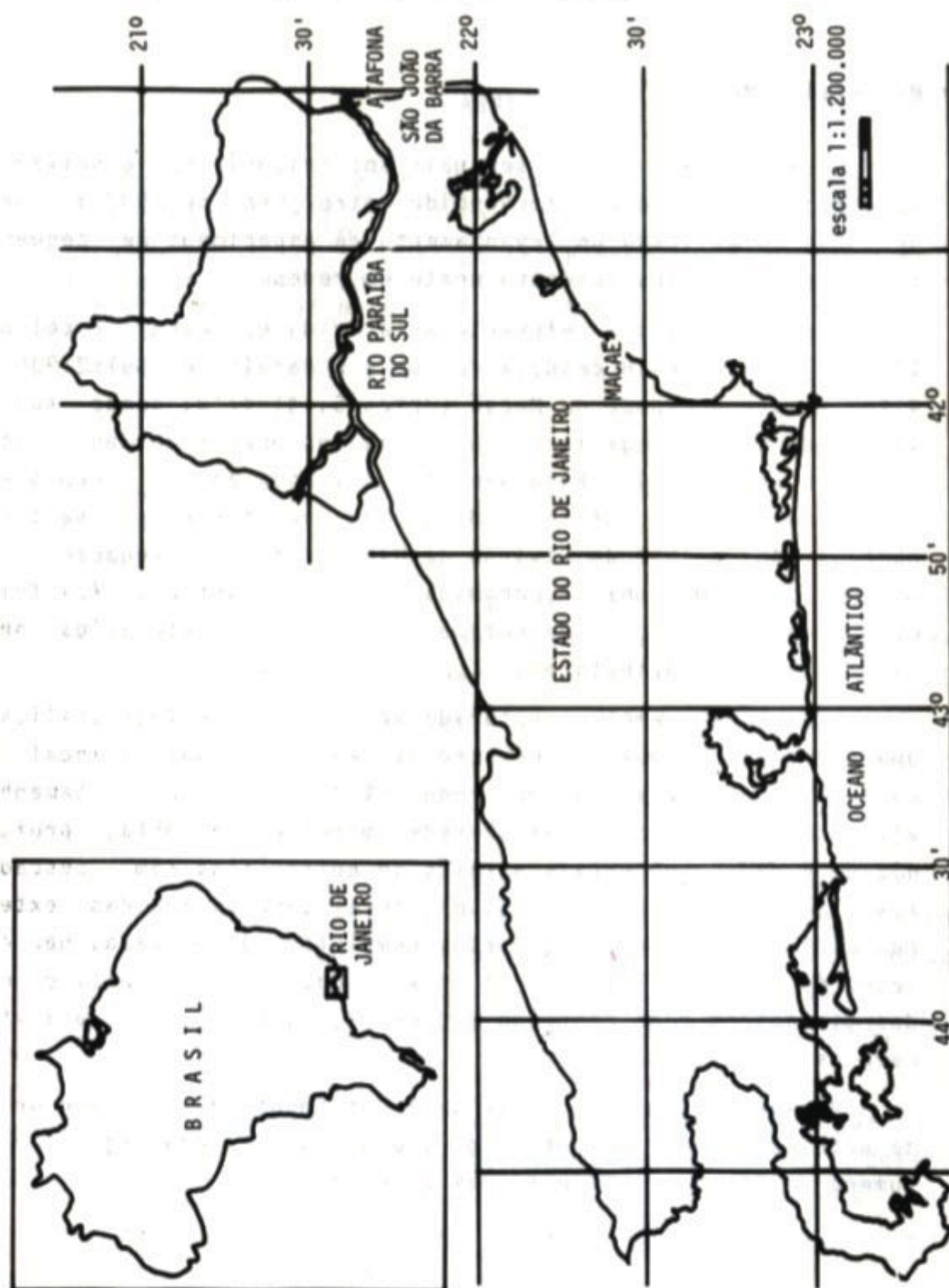


FIG. 1 - ESTADO DO RIO DE JANEIRO COM A LOCALIZAÇÃO DAS CIDADES DE ATAFONA E MACAÉ

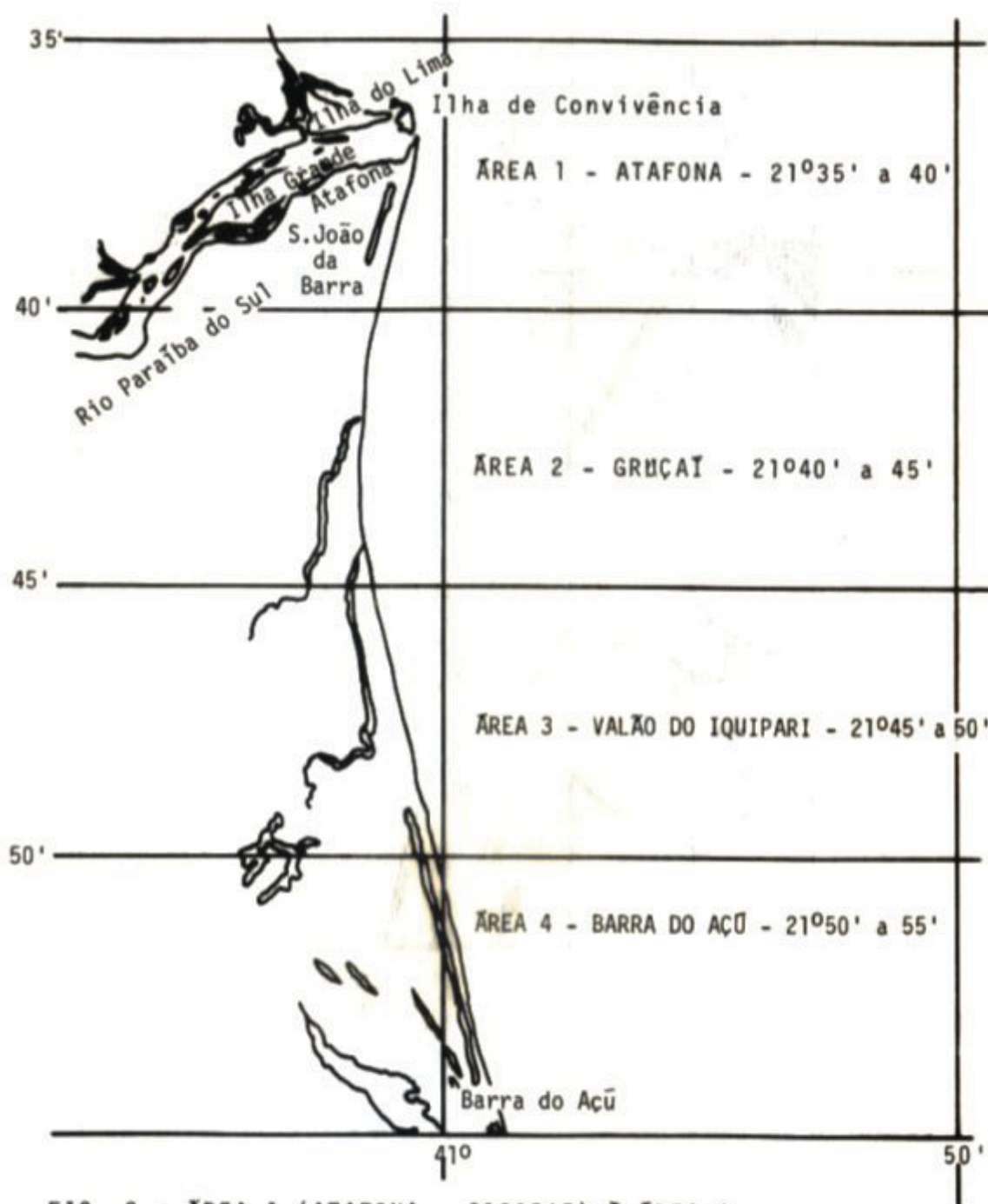


FIG. 2 - ÁREA 1 (ATAFONA - 21°35'5) A ÁREA 4 (BARRA DO AÇÚ - 21°50'5).

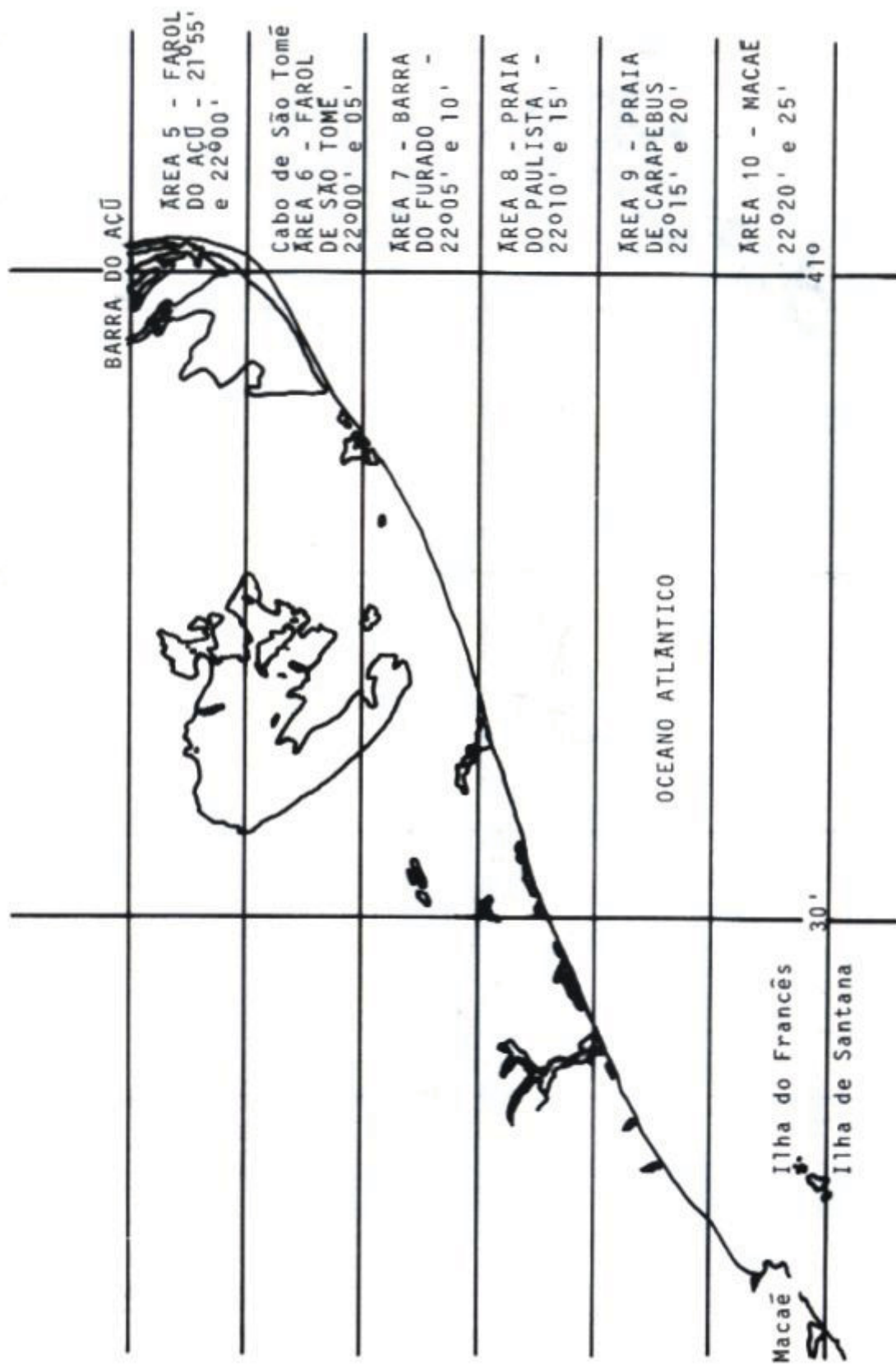


FIG. 3 - ÁREA 5 (FAROL DO AÇÚ - $21^{\circ}55'5''$)
 À ÁREA 10 (MACAÊ - $22^{\circ}20'5''$)

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

Resultados

Em relação as categorias de artes de pesca desenvolvidas nesta região, podem-se citar as redes de arrasto, de cerco e de espera, assim como o uso de linha e espinhel.

A pesca com redes de espera, denominada localmente de "caída", realiza-se ao longo do ano sendo responsável por 100% das capturas acidentais de pequenos cetáceos. Segundo informações de antigos pescadores, o uso dessas redes iniciou-se em 1980 sendo que anteriormente só eram utilizadas as redes de arrasto, cerco e linha. Os barcos que empregam redes de espera inicialmente partiam pela manhã e retornavam a tarde. Atualmente, estes barcos passam de quatro a cinco dias no mar e precisam se afastar cada vez mais da costa devido a redução do estoque pesqueiro na área.

Estas redes podem ser usadas de duas maneiras: na superfície ("caída boiada"), principalmente com vento nordeste e águas correndo para o sul e no fundo ("caídas de fundo"), essencialmente com ventos sudoeste e águas correndo para o norte.

As redes de espera são colocadas a distâncias da costa que variam de 200 metros até 40 milhas náuticas na direção da corrente. São retangulares e tem entre 40 a 90 metros de extensão podendo-se utilizar simultaneamente até 40 redes unidas ("filame") com um total de 3.600 metros. Sua altura varia de quatro a oito metros, com malha esticada de 14 centímetros medidos entre nós opostos e são feitas de linha de nylon de sete milímetros de diâmetro.

A colônia de pesca (Z-2/RJ) é constituída por 75 barcos e aproximadamente 250 pescadores que utilizam redes de espera. Estes barcos possuem de sete a doze metros de comprimento e motores de três a 60 HP. A capacidade do porão varia de uma a seis toneladas e o tempo de estocagem do pescado é de até cinco dias.

Os principais produtos de pesca desta região são a corvina, *Micropogonias furnieri* (Scianidae) e os cações "troço-troço", *Carcharhinus acronotus*, *C. plumbeus* e *Rhizoprionodon porosus* (Carcharhinidae).

A gordura dos botos emalhados é utilizada como isca na pesca de espinhel, comum entre os meses de maio a início de setembro. Cada espécimen custa em média de dois a três dólares e fornece de 100 a 600 iscas dependendo do seu comprimento total.

Foram coletados nos frigoríficos e peixarias de Atafona 58 exemplares de pequenos cetáceos, capturados acidentalmente em redes de espera pertencentes a duas famílias e cinco espécies: *Sotalia fluviatilis* (n = 33), *Pontoporia blainvillei* (n = 20), *Steno bredanensis* (n = 3), *Delphinus delphis* (n = 1) e *Stenella frontalis* (n = 1).

Sotalia fluviatilis (Gervais, 1853)

Dos 33 exemplares de *S. fluviatilis* capturados no litoral norte do Rio de Janeiro, 51,5% eram machos, 45,5% fêmeas além de um exemplar cujo sexo não pode ser identificado.

Conforme a Tabela 1, pode-se observar que as redes de espera que envolveram capturas acidentais desta espécie tinham entre 90 a 3600 metros de extensão, com altura variando de quatro a oito metros e 14 centímetros de malha medidos entre nós opostos. Com referência as distâncias das redes da costa, estas variaram de 200 a 9.000 metros com profundidades de dois metros e meio a 16 metros.

Dos 25 exemplares capturados em rede de espera de superfície e dos seis capturados em rede de espera de fundo, notou-se que 84% e 50%, respectivamente, ocorreram durante o vento nordeste.

Em relação as sub-áreas nas quais estes espécimens foram capturados, registrou-se 16 indivíduos na área oito (praia do Paulista), 11 na área seis (Farol de São Tomé), três na área

PEQUENOS CETACEOS DO RIO DE JANEIRO

TABELA 1 - DADOS DE CAPTURAS ACIDENTAIS DE *S. fluviatilis* NO LITORAL NORTE DO RIO DE JANEIRO DE JUNHO DE 1987 A MAIO DE 1988.

ESPECIMEN Nº	DATA	SEXO	CT (cm)	TIPO DE REDE	TAMANHO (m)	ALTURA (m)	MAIHA (cm)	DIST. COSTA (m)	LOCAL/ÁREA	PROFUNDIDADE (m)	VENTO
MZUSP 25605	27/6/87	♀	175,0	espera (superfície)	1.800	7,2	14	6000	Farol de S. Tomé/6	9	NE
MZUSP 25606	27/6/87	♀	170,0	espera (superfície)	1.800	7,2	14	6000	Farol de S. Tomé/6	9	NE
MZUSP 25607	27/7/87	♂	167,0	espera (superfície)	2.520	4,0	14	1300	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25608	27/7/87	♀	147,0	espera (superfície)	2.520	4,0	14	1300	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25609	10/7/87	♀	185,0	espera (superfície)	90	5,4	14	9000	Farol de S. Tomé/6	16	NE
GMA /FBCN B10	29/8/87	♂	119,5	espera (superfície)	1.500	7,0	14	200	Flexeira/8	7	NE
MZUSP 25610	29/8/87	♀	117,5	espera (superfície)	1.200	8,0	14	200	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25632	29/8/87	♀	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MZUSP 25611	29/8/87	♀	195,0	espera (superfície)	1.500	7,0	14	200	Flexeira/8	7	NE
MZUSP 25612	1/9/87	♂	190,5	espera (fundo)	1.500	8,0	14	300	Açú/5	2,5	SE
MZUSP 25614	12/9/87	♂	172,0	espera (superfície)	2.340	7,0	14	2000	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25613	22/10/87	♀	169,0	espera (fundo)	2.160	6,0	14	2000	Flexeira/8	7	L
MZUSP 25615	6/11/87	♂	158,0	espera (fundo)	1.620	4,0	14	2000	Quiçanã/8	6	NE
GMA /FBCN B24	12/11/87	♂	148,0	espera (superfície)	1.500	6,0	14	300	Açú/5	2,5	L
MZUSP 25616	12/11/87	♀	187,0	espera (superfície)	1.500	6,0	14	300	Açú/5	2,5	L
MZUSP 25617	16/11/87	♀	162,0	espera (fundo)	1.440	7,0	14	2500	Flexeira/8	5	NE
MZUSP 25618	27/11/87	♀	176,0	espera (superfície)	3.600	7,0	14	3000	Flexeira/8	5	L
GMA /FBCN B30	23/11/87	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MZUSP 25619	16/12/87	♀	167,0	espera (fundo)	2.880	5,5	14	600	Farol de S. Tomé/6	6	S
MZUSP 25620	19/12/87	♀	175,0	espera (superfície)	2.340	7,0	14	4000	Flexeira/8	8	N
MZUSP 25621	13/1/88	♂	178,5	espera (superfície)	1.200	6,0	14	2000	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25622	18/1/88	♂	157,0	espera (superfície)	2.200	8,0	14	600	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25734	21/1/88	♂	159,0	espera (superfície)	1.760	7,0	14	1500	Flexeira/8	7	NE
GMA /FBCN B44	23/1/88	♂	173,0	espera (superfície)	1.500	5,5	14	800	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25623	30/1/88	♀	174,0	espera (superfície)	1.800	7,2	14	600	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25624	11/2/88	♂	150,0	espera (superfície)	1.800	4,0	14	500	Farolzinho/6	6	NE
MZUSP 25625	14/2/88	♂	195,0	espera (superfície)	1.800	4,0	14	500	Farolzinho/6	6	NE
MZUSP 25626	24/2/88	♂	194,0	espera (fundo)	2.340	4,0	14	1000	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25627	24/2/88	♂	160,0	espera (superfície)	1.500	8,0	14	1000	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25628	28/3/88	♂	110,5	espera (superfície)	2.700	8,0	14	500	Flexeira/8	7	NE
MZUSP 25629	28/3/88	♂	131,7	espera (superfície)	2.700	8,0	14	500	Flexeira/8	7	NE
MZUSP 25630	17/5/88	♀	139,5	espera (superfície)	1.500	6,0	14	2000	Quiçanã/8	6	NE
MZUSP 25631	29/5/88	♂	195,0	espera (superfície)	1.500	8,0	14	2000	Atafona/1	9	NE

MZUSP: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

GMA/FBCN: Grupo de Mamíferos Aquáticos, Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza.

cinco (Farol do Acú) e um na área 1 (Atafona), sendo que para dois indivíduos não se obteve informações a respeito das áreas de capturas.

Em 41% dos casos, foram observadas marcas de rede na cabeça, 29,2% no rosto, 16,4% nas nadadeiras peitorais e em 13,5% no corpo e nadadeiras caudais e dorsais confirmando o emalramento nas redes de espera.

Medidas morfológicas externas de 31 indivíduos foram tomadas. Os maiores animais, dois machos e uma fêmea mediam 195,0 cm. Em 22,6% dos casos os espécimens mediram entre 170,0 a 180,0 cm. O comprimento médio foi de 164,4 cm. A menor fêmea e o menor macho mediram 117,5 e 110,5 cm, respectivamente.

Em 27 de novembro de 1987, foi coletada uma fêmea grávida de 176,0 cm de comprimento capturada em Flexeria (área oito). O feto (macho) media 59,5 cm. Também foi encontrada uma fêmea lactante de 195,0 cm capturada em Atafona (área um) em agosto de 1987.

Para o litoral brasileiro foram registradas capturas de *S. fluviatilis* em redes de pesca para os estados do Paraná (Bittencourt, 1984), São Paulo (Carvalho, 1963), Rio de Janeiro (Borobia, 1984; Castello e Pinedo, 1986), Espírito Santo (Barros, 1984; Geise e Borobia, 1987), Bahia (Queiroz, comunicação pessoal), Maranhão (Siciliano, Comunicação pessoal) e Pará (Lodi, observação pessoal).

Pontoporia blainvillei (Gervais e D'Orbigny, 1844)

Neste trabalho foram coletados um total de 20 exemplares de *P. blainvillei*: dez machos (50%), nove fêmeas (45%) e um exemplar de sexo não identificado.

Conforme a Tabela 2, pode-se observar que as redes de espera que envolveram capturas acidentais desta espécie tinham entre 1760 a 3060 metros de extensão, com altura variando de cinco a oito metros e 14 centímetros de malha, medidos entre nós opostos. Em relação as distâncias das redes a costa, pode-se

ESPECIMEN Nº	DATA	SEXO	CT (cm)	TAMANHO (m)	ALTURA (m)	MALHA (cm)	DIST. COSTA (m)	LOCAL/ÁREA	PROFUNDIDADE (m)	VENTO
MZUSP 25633	15/6/87	♀	90,0	1.800	7,2	14	2000	Flexeira/S	5	NE
MZUSP 25634	10/7/87	♂	113,0	1.800	8,0	16	4000	Flexeira/S	8	NE
MZUSP 25635	3/10/87	♂	89,2	2.160	7,0	14	3000	Quiçama/S	8	NE
MZUSP 25636	3/10/87	♂	122,5	2.160	7,0	14	3000	Quiçama/S	8	NE
MZUSP 25637	25/10/87	♀	121,5	1.800	7,2	14	2000	Farol de S. Tomé/6	6	L
MZUSP 25638	25/10/87	♀	120,3	1.800	7,2	14	2000	Farol de S. Tomé/6	6	L
MZUSP 25639	6/11/87	♀	108,5	1.760	7,0	14	4000	Flexeira/S	8	NE
MZUSP 25640	10/11/87	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MZUSP 25641	27/11/87	♂	121,0	3.060	7,0	14	3000	Flexeira/S	5	L
GMA/TECHN29	21/11/87	♂	108,5	1.800	6,0	16	6000	Quiçama/S	13	NE
MZUSP 25642	30/12/87	♀	101,5	1.800	7,0	14	300	Flexeira/S	7	NE
MZUSP 25643	30/12/87	♂	115,0	1.800	7,0	14	300	Flexeira/S	7	NE
MZUSP 25644	7/1/88	♀	99,9	1.800	5,0	14	2000	Farol de S. Tomé/6	6	NE
MZUSP 25645	22/1/88	♂	91,9	1.760	5,0	14	1000	Quiçama/S	6	NE
MZUSP 25646	22/1/88	♀	139,5	1.760	5,0	14	1000	Quiçama/S	6	NE
MZUSP 25647	22/1/88	♂	114,2	1.760	5,0	14	1000	Quiçama/S	6	NE
MZUSP 25648	11/2/88	♂	122,3	1.800	7,2	14	2000	Farolzinho/6	6	NE
MZUSP 25649	11/2/88	♀	124,0	1.800	7,2	14	2000	Farolzinho/6	6	NE
MZUSP 25650	18/3/88	♀	117,5	1.800	7,2	14	4000	Flexeira/S	8	NE
MZUSP 25651	8/4/88	♂	121,0	1.800	7,2	14	3000	Barra do Furado/7	10	N

MZUSP: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

GMA/FBCN: Grupo de Mamíferos Aquáticos, Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza

TABELA 2 - DADOS DE CAPTURAS ACIDENTAIS DE *P. blainvilliei* NO LITORAL NORTE DO RIO DE JANEIRO - DE JUNHO DE 1987 A ABRIL DE 1988.

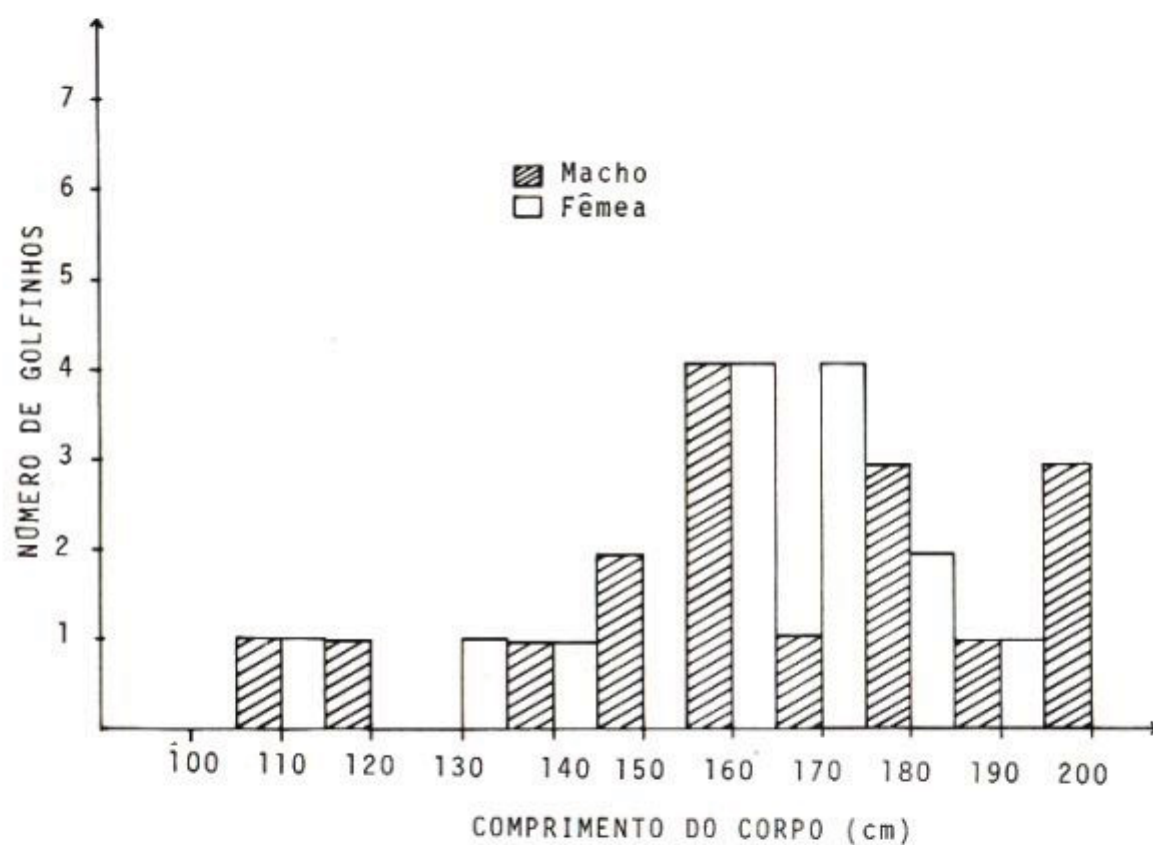


FIG. 4 - DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE COMPRIMENTO DE *Sotalia sp.*

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

registrar que estas variaram de 300 a 6.000 metros com profundidades de cinco a 13 metros.

Dos 18 exemplares capturados em redes de espera de superfície 83,3% deram-se com vento nordeste enquanto que a única captura com rede de espera de fundo ocorreu com vento norte.

Quanto as sub-áreas as quais estes espécimens foram capturados registrou-se 13 indivíduos na área oito (praia do Paulista), cinco na área seis (Farol de São Tomé) e um na área sete (Barra do Furado), sendo que para um indivíduo não se obteve informação a respeito da área de captura.

A maior frequência das marcas de rede foram observadas na cabeça (34%), rosto (23%), corpo (16%) e nadadeiras caudais (13,6%), peitorais (9%) e dorsais (4,5%).

Foram tomadas medidas morfológicas externas de 19 exemplares e verificou-se que o maior espécimen foi uma fêmea de 139,5 cm de comprimento total. A menor fêmea tinha 90,0 cm e 31,6% dos indivíduos mediam entre 121,0 cm. O comprimento médio foi de 112,7 cm. O maior e menor macho mediram 122,5 e 89,2 cm, respectivamente (Figura 5).

Em 22 de janeiro de 1988, uma fêmea de 139,5 cm, portando um feto de 16,7 cm, foi capturada em Quicamã (área oito). Na região de Atafona em junho de 1986 uma fêmea de 145,0 cm com um feto (fêmea) de 63,0 cm foi capturada acidentalmente (Lodi *et al.*, 1987).

Em relação as capturas acidentais de *P. blainvillei* na costa brasileira, Pinedo (em Praderi *et al.*, no prelo) reporta a morte de pelo menos 723 exemplares de 1976 a 1985 ao longo de uma extensão de 120 Km de costa no sul do Rio Grande do Sul. Outros registros de capturas acidentais desta espécie também existem para os estados de Santa Catarina (Ximenez, Comunicação pessoal), São Paulo (Carvalho, 1961), Rio de Janeiro (Lodi, *et al.*, 1987) e Espírito Santo (Geise e Borobia, 1987).

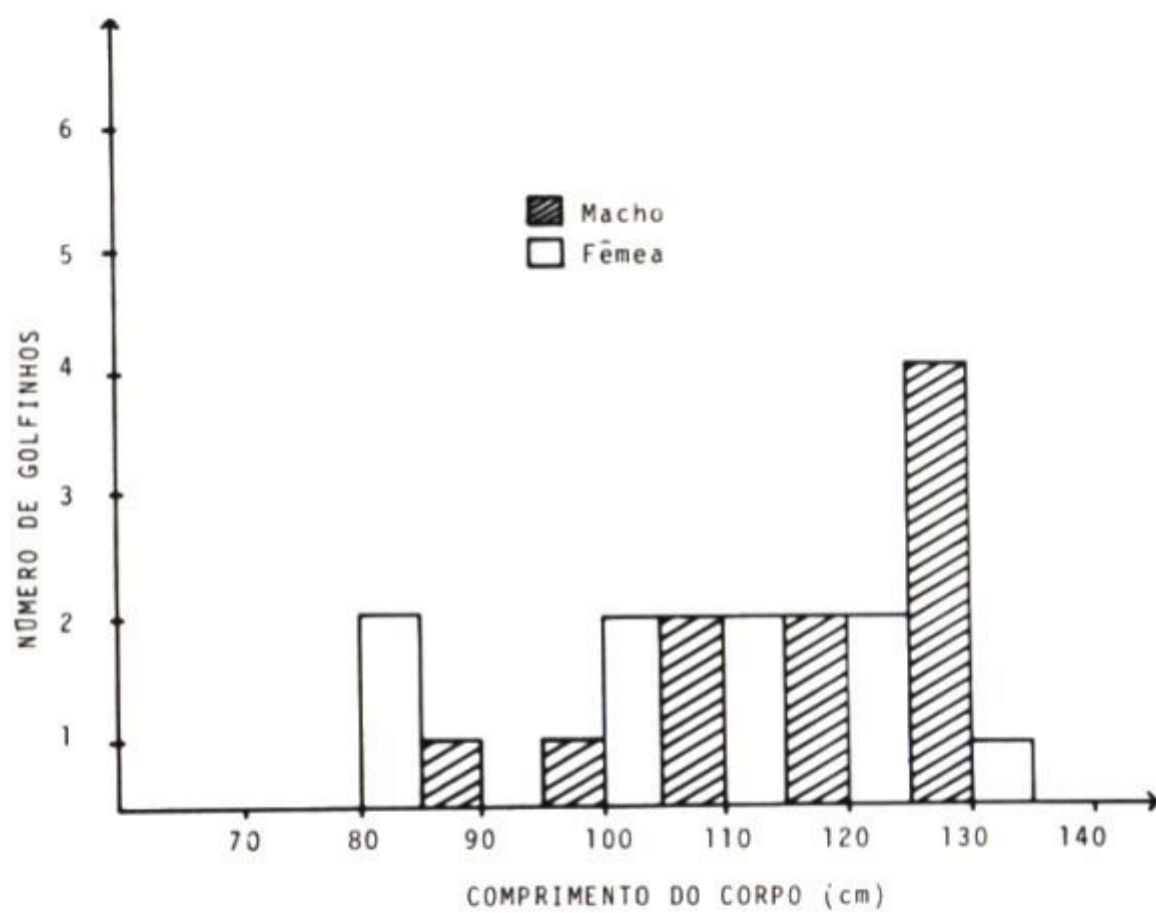


FIG. 5 - DISTRIBUIÇÃO DA FREQUÊNCIA DE COMPRIMENTO DE *P. blainvillei*.

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

Steno bredanensis (Leson, 1828)

Até o presente trabalho registros de capturas acidentais de *S. bredanensis* não eram conhecidos no litoral brasileiro.

Foram coletados três espécimens cujos dados se seguem para cada exemplar:

08/08/87 ♂ - Este espécimen foi capturado acidentalmente (MZUSP 25652) mente em Macaê (área 10) em rede de espera de superfície de 1320 metros de extensão, sete metros de altura e 14 cm de malha, medidos entre nós opostos, a uma distância de seis quilômetros da costa e profundidade de nove metros. Encontrava-se eviscerado e partido em quatro pedaços pelos pescadores locais. O comprimento total mínimo estimado foi de 195,0 cm.

12/12/87 - Este exemplar foi encontrado na praia de (MZUSP 25653) Atafona em adiantado estado de decomposição, não sendo possível determinar o sexo. Apresentava um fio de nylon envolto em sua nadadeira peitoral direita sugerindo ter sido capturado acidentalmente em rede de pesca.

14/05/88 ♀ - O espécimen de 179,0 cm de comprimento total (MZUSP 25654) foi capturado em rede de espera de superfície de 1500 metros de extensão, seis metros de altura e 14 centímetros de malha a uma distância da costa de oito quilômetros e profundidade de 14 metros em Atafona (área 1).

Delphinus delphis (Linnaeus, 1758)

Em 27 de julho de 1987, foi coletado um macho de 187,0 cm de comprimento total (MZUSP 25655) capturado acidentalmente em rede de espera de fundo em Quicamã (área oito) a uma distância de 15 Km da costa e profundidade de 26 metros. A rede possuía 2.200 metros de extensão, seis metros de altura e 14 cm de malha.

O único outro registro sobre a captura desta espécie no litoral brasileiro é dado por Carvalho (1963) nas proximidades da ilha Grande, Rio de Janeiro.

Stenella frontalis (G. Cuvier, 1829)

Um macho de 138,1 cm de comprimento foi capturado acidentalmente em 12 de janeiro de 1988 (MZUSP 25656), em rede de espera de superfície ao Farol de São Tomé (área seis) a uma distância de 16 Km da costa e profundidade de 29 metros. A rede de 2640 metros de comprimento tinha seis metros de altura de 14 cm de malha.

Para a costa brasileira a maioria dos exemplares de *S. frontalis* são registrados para o estado de Santa Catarina e apresentam marcas de rede (Ximenez e Praderi, 1988; Praderi, Comunicação pessoal).

Discussão

Na maioria das vezes, os pescadores trazem os espécimens capturados para a terra apenas quando existe a possibilidade de lucro ao vendê-los para serem carneados e usados como isca na pesca de espinhel. Grande parte dos exemplares capturados são lançados de volta a água no local da pesca. Dado a dificuldade de se obter informações confiáveis por parte dos pescadores quanto ao número real de botos emalhados durante as pescarias e a impossibilidade dos autores fazerem observações diretas

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

nos barcos (não é permitido o embarque de mulheres) não foi possível obter, neste estudo, uma estimativa de mortalidade dos pequenos cetáceos na área amostrada. Os dados coletados mostram-se insuficientes para uma avaliação estatística das capturas relacionadas com as atividades de pesca, sugerindo que o número de capturas acidentais no litoral norte do Rio de Janeiro, provavelmente alcance maiores proporções.

Sabe-se que no Brasil, capturas acidentais e intencionais de mamíferos marinhos ocorrem ao longo de toda a costa com diversas finalidades tais como consumo humano, uso de isca para a pesca de espinhel, utilização de olhos e genitália para cultos afro-brasileiros, etc.

Em 21 de dezembro de 1987, foi sancionada a Lei nº 7643, proibindo a caça ou qualquer forma de molestamento intencional de todas as espécies de cetáceos em águas jurisdicionais brasileiras. Entretanto, até o presente momento, não existem medidas e esforços para a aplicação desta lei, objetivando reduzir o impacto causado pelas capturas de pequenos cetáceos em pescarias ao longo da costa.

Agradecimentos

A Vera M.F. da Silva, Alm. Ibsen de Gusmão Câmara e Ricardo Praderi pelas valiosas sugestões e críticas ao manuscrito bem como ao apoio financeiro recebido pelo World Wide Fund for Nature (WWF-US, Project N06194).

Referências

- Barros, N.B. (1984). Registro de um boto comum (*Sotalia sp.*), no litoral do Espírito Santo, Brasil. **Resumos do XI Congresso Brasileiro de Zoologia**, p.399.

- Bittencourt, M.L. (1984). Primeira ocorrência de *Sotalia brasiliensis* (boto), Cetacea, Delphinidae para a Baía de Paranaguá, litoral paraense, Brasil. **Arquivo de Biologia e Tecnologia**, 27(1):95-98.
- Borobia, M. (1984). Comportamento e aspectos biológicos dos botos da Baía da Guanabara, *Sotalia* sp. Monografia de Bacharelado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 81p.
- Carvalho, C.T. de (1961). "*Stenodelphis blainvillei*" na costa meridional do Brasil, com notas osteológicas (Cetacea, Platanistidae). **Revista Brasileira de Biologia**, 21(4):443-454.
- Carvalho, C.T. de (1963). Sobre um boto comum no litoral do Brasil (Cetacea, Delphinidae). **Revista Brasileira de Biologia**, 23(3):263-276.
- Castello, H.P. & Pinedo, M.C. (1986). Sobre unos avistajes en el mar de distintas especies de cetaceos em el Sur del Brasil. **Actas de la Primera Reunion de Trabajo de Expertos en Mamíferos Acuáticos de America del Sur**. Buenos Aires, p.61-68.
- Geise, L. & Borobia, M. (1987). New Brazilian records for *Kogia*, *Pontoporia*, *Grampus* and *Sotalia* (Cetacea, Physteridae, Platanistidae, and Delphinidae). **Journal of Mammalogy**, 68(4):873-875.
- IUCN (1981). Report of IUCN Workshop on Marine Mammal/Fishery Interactions, La Jolla, California, 30 March - 2 April. International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, Gland, Switzerland, 68pp.
- IUCN (1988). Dolphins, Porpoises, and Whales. An Action Plan for the Conservation of Biological Diversity: 1988 - 1992. International Union for Conservation of Nature and Natural Resources, Gland, Switzerland, 30pp. Compiled by W.F. Perrin. IUCN(SSC, Cetacean Specialist Group and U.S. National Marine Fisheries Services, NOAA.
- Lodi, L.; Siciliano, S. & Capistrano, L. (1987). Primeiro registro de *Pontoporia blainvillei* (Cetacea, Platanistoidea) no litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Anais da 2ª Reunião de Trabalho de Especialistas em Mamíferos Aquáticos da América do Sul**. Rio de Janeiro, p.69-70.
- Praderi, R.; Pinedo, M.C. & Crespo, E. (no prelo). Conservation and management of *Pontoporia blainvillei* in Uruguay, Brazil and Argentina. In: W.F. Perrin; R.L. Brownell Jr.; Zhou Kaiya e Liu Jiankang (eds.). **Biology and Conservation of the River Dolphins**. IUCN Species Survival Commission Occasional Paper 5.

PEQUENOS CETÁCEOS DO RIO DE JANEIRO

Xímenes, A. & Praderi, R. (1988). Nuevos aportes sobre el conocimiento de delfines del género *Stenella* para el Atlántico Sudoccidental. III Reunión de Trabajo de Especialistas en Mamíferos Acuáticos de America del Sur, Montevideo. Resúmenes, p.7.